

## **PROCESSOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE INFANTIL RIBEIRINHA EM CÁCERES, MATO GROSSO, BRASIL**

Alceu Zoia\*  
alceuzoia@hotmail.com  
Elisângela da Silva França Tedesco\*\*  
elisangelasilvafranca@gmail.com

### **RESUMO**

Temos como pretensão fomentar uma discussão sobre a infância ribeirinha pantaneira experimentada no Bairro Jardim das Oliveiras em Cáceres, Mato Grosso. Buscamos identificar os aspectos que potencializam a constituição e formação da identidade infantil ribeirinha através das práticas sociais e culturais populares para desmistificar a concepção hegemônica de infância possibilitando a valorização da cultura local. Partimos da observação participante para compreender a organização da vida nesse espaço, bem como o uso de entrevistas abertas que nos possibilitaram descrever os significados atribuídos pelos sujeitos que movimentam o cotidiano. Essa técnica nos possibilitou compreender que a criança ribeirinha/pantaneira desenvolve e constitui sua identidade a partir da interação que exerce com seu meio, que lhe permite pensar a organização da vida, repensar padrões culturais e reescrever a história.

**Palavras-chave:** infância ribeirinha/pantaneira; educação; práticas sociais.

Este artigo pretende apresentar e fomentar uma discussão que enfatiza os processos educacionais experimentados pela criança ribeirinha/pantaneira nos espaços da comunidade Jardim das Oliveiras. Este bairro localiza-se a 5 km do centro histórico da cidade de Cáceres-MT, sendo que, grande parte dos moradores sobrevivem da pesca profissional e amadora. Tendo como recorte a infância, buscamos através da inserção neste ambiente compreender como ocorrem os processos formativos que são potencializados pela convivência familiar, pelos movimentos sociais e culturais de expressão popular, bem como, pela organização da vida em sociedade, que desde épocas remotas vem formando e constituindo sujeitos.

Ao adentrar nesse tema, suscitamos memórias de outras infâncias, observadas, vivenciadas ou não. Memórias não muito distantes, que emocionam ao recordar tempos e espaços distintos, com lembranças de um período marcado pela liberdade, pelo cuidado, pela convivência entre irmãos, por histórias ouvidas antes de dormir, pela alegria de viver em harmonia com o mundo e com a natureza. Liberdade refletida nas brincadeiras realizadas ao entardecer do dia na frente das casas e nas ruas não asfaltadas, na repetida e esperançosa caminhada para a escola em dias de sol, nas conversas e risos soltos nos quintais embaixo das mangueiras, na volta para casa depois de um longo banho de chuva, nas pescarias e banhos de

---

\* Doutor em Educação (UFG); Professor do PPG de Educação (UNEMAT).

\*\* Mestre em Educação (UNEMAT).

rio com a família, nos gritos, nas gargalhadas, nas correrias, nas quedas, nos recomeços. Memórias jamais esquecidas, mas que parecem adormecidas dentro de cada um de nós e que são despertadas sempre que nos propomos investigar as infâncias.

Podemos dizer que há certa magia no olhar infantil, talvez pela predisposição em mover-se por mundos reais e imaginários. Falar de infância significa falar de um período marcado pela contínua possibilidade de renascer dia após dia com a esperança estampada no sorriso, pela sede da descoberta e pelo desejo de se contagiar de vida e de mundo.

Por isso, o presente trabalho, além de descrever uma infância objetivando valorizar práticas cotidianas, possibilita reviver memórias cujos sentidos estão evidenciados no corpo, na linguagem internalizada, bem como, nas práticas e/ou ações de cada um dos sujeitos envolvidos e que através das suas trajetórias de vida, passam a compor e significar essa história.

Para que este objetivo pudesse ser alcançado, apresentamos as condições de vida e as especificidades socioculturais das crianças, buscando não apenas observar, mas sentir a partir dos discursos estabelecidos, como a criança ribeirinha se apropria de valores socialmente construídos no seio da comunidade.

Assim como Certeau (2014), partimos do pressuposto de que o indivíduo e suas singularidades são determinados pela relação social estabelecida entre os sujeitos que compõem o cotidiano, portanto, ao estudarmos a infância ribeirinha/pantaneira direcionamos o olhar para a organização das práticas sociais e culturais.

Descrever o processo de constituição do sujeito significa perpassar pela linguagem e discursos utilizados cotidianamente através das relações estabelecidas neste espaço sociocultural elaborado pelo próprio homem. Portanto,

Os relatos de que se compõe esta obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isto, se precisará igualmente uma maneira de caminhar, que pertence, aliás, as maneiras de fazer de que aqui se trata (CERTEAU, 2014, p. 35).

O interesse pelo tema surgiu por estarmos inseridos em uma cidade cuja vida se organizou nos arredores e em função do importante rio Paraguai, que por longo período garantiu e potencializou as atividades econômicas locais de importação, exportação e pesca e que ainda na atualidade garante a sobrevivência de grupos ribeirinhos através da pesca profissional e amadora. Outra situação que despertou o interesse para a realização deste

trabalho refere-se à precariedade de produção na área de Educação, voltada para o estudo da infância ribeirinha/pantaneira, evidenciando a sua *desimportância* conforme nos faz pensar Barros (2011), poeta mato-grossense, ao apresentar as memórias de sua feliz infância, tecida e permeada pelas coisas desimportantes.

Na intenção de compreender a criança ribeirinha enquanto sujeito do conhecimento e ator social devido à interação que exerce com seus pares e também com os adultos com quem interage e tendo por referência a diversidade cultural evidenciada neste contexto, buscamos problematizar como tem sido vivenciada esta infância na comunidade ribeirinha do bairro Jardim das Oliveiras em Cáceres, MT?

Partimos da compreensão de que a infância se apresenta de diferentes formas, em diversos contextos e de maneira singular, potencializada pelos encontros e acontecimentos que surgem em cada espaço-tempo. Pautados nessa premissa, pretendemos evidenciar as práticas infantis para tentar compreender a infância que surge nesse espaço ribeirinho de vivência, bem como, apresentar e diagnosticar as especificidades infantis nas maneiras de ser criança que se distanciam e/ou se aproximam de outras infâncias.

Visando alcançar o objetivo inicialmente proposto, esta pesquisa que preza por abordagens qualitativas, teve início em março de 2014 e término em fevereiro de 2016. As técnicas de coleta de dados que utilizamos foram a observação do cotidiano e/ou das práticas sociais, que movimentam e direcionam a vida de crianças e adultos na comunidade ribeirinha. Contudo, a pesquisa só se tornou possível porque contou com a participação de onze adultos que residem no bairro, totalizando cinco mulheres e oito homens; e treze crianças com idade entre cinco e doze anos.

Das treze crianças que participaram da pesquisa, oito contribuíram por meio de entrevistas e cinco através de conversas informais, devido a dificuldade em seguir roteiros pré-estabelecidos, estabeleceram seu próprio tempo e as maneiras como poderiam contribuir com a pesquisa. A postura das crianças diante da metodologia proposta mostrou-nos que alguns procedimentos não podem ser antecipados, devendo seguir a trama que enreda e direciona o curso da vida que toma forma no seio da comunidade ribeirinha/pantaneira.

Ao se relacionar com o meio físico, cultural, social e biológico, o homem transforma o meio, ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo. Por isso, o homem é compreendido enquanto produto do seu espaço de vivência social, ao mesmo tempo em que assume o papel de agente ativo capaz de elaborar e modificar o contexto, desta forma, a educação passa a ser concebida através da concepção sócio histórica onde sujeito e objeto relacionam-se de modo recíproco.

Segundo Rego (2013, p. 96),

O homem é um ser social e histórico e é a satisfação de suas necessidades que o leva a trabalhar e transformar a natureza, estabelecer relações com seus semelhantes, produzir conhecimentos, construir a sociedade e fazer a história. É entendido assim como um ser em permanente construção, que vai se constituindo no espaço social e no tempo histórico.

A vida material condiciona e direciona a vida social, política e econômica e desta forma, Rego (2013, p. 97) nos esclarece que, a “realidade (natural e social) evolui por contradição devido aos conflitos internos e se constitui num processo histórico” (*grifo do autor*), de mudança contínua.

Ao atrelar nossas investigações à perspectiva sócio-histórica e aos pressupostos e princípios da Psicologia Social enfatizamos a complexidade das relações inseparáveis existentes entre sujeito e realidade. Uma abordagem teórica que dialoga e avalia as diferenças e particularidades que surgem nas ações coletivas e individuais, sociais e culturais, históricas e biológicas, subjetivas e objetivas, cognitivas e emocionais.

Compreendemos, pois, que a relação entre a historicidade humana e o desenvolvimento de fatores cognitivos não são herdados geneticamente e/ou influenciados por fatores biológicos como já mencionado anteriormente, mas através da interação que o homem desde o início da civilização estabeleceu com outros seres humanos e a natureza, através da produção do trabalho, constituindo-se histórico e socialmente por meio do uso da linguagem utilizada.

Desta forma, a pesquisa em andamento configura-se numa ação social, política e ética ao propor estudar a singularidade dos indivíduos, de uma comunidade e/ou deste grupo ribeirinho/pantaneiro. Pretende enfatizar as relações sociais, o convívio e a interação entre os sujeitos, de modo a compreender os mecanismos que permitem pensar uma determinada comunidade, bem como, valorizar e reconhecer as diferenças culturais, permitindo-nos afetar e sermos afetados pela diversidade de vida que se apresenta.

Possibilitar a aproximação entre sujeitos e suas culturas múltiplas para compreender os fenômenos psicológicos mediados pelo meio social consiste numa contribuição desta abordagem. De acordo com Vygotsky (1984), fenômenos que estão em constantes movimentos e processos de mudança, como a própria nomenclatura dialética sugere, e que por sua vez, não podem ser isolados das relações constituídas histórica e socialmente, posto que, traduz e evidencia, através das trajetórias percorridas, a complexidade das relações sociais intersubjetivas que permeiam a constituição e a subjetivação dos sujeitos.

Vygotsky (1984) sugere que nossa investigação, enquanto procedimento metodológico tenha por base a observação dos acontecimentos presentes, reais e possíveis de serem modificados, buscando a gênese e a origem dos fatos que implica em recordar o passado para analisá-los, para que possamos enfim, compreender a realidade dialética atual, conjecturar e fazer indagações quanto ao futuro.

As famílias que ali residem transmitem, através das suas ações cotidianas, a calma que é viver e conviver nesse espaço. Um espaço demarcado pelo trabalho individual e coletivo dos moradores e pela relação de amizade, confiança e solidariedade cultivada dia após dia entre a vizinhança.

Logo que amanhece percebem-se os primeiros movimentos de crianças que caminham para a escola, a pé e de bicicleta, sozinhas e/ou acompanhadas dos pais. Seguem com a esperança estampada no olhar, esperança no futuro, nas pessoas, no mundo.

Com a chegada dos primeiros raios solares, sujeitos, homens, mulheres, crianças e adolescentes se organizam com base nas atividades que cada um deve realizar no decorrer do dia, de modo a colaborar com a organização familiar. São famílias que demonstraram desde o primeiro contato, disponibilidade em socializar suas vivências cotidianas, que convidam-nos a experimentá-las e que nos ensinam através desses encontros, que a felicidade está na simplicidade das pequenas coisas, no olhar sincero e receptivo, no desejo de contribuir, nas boas ações, na fé e esperança, no movimento das águas.

“O rio apresenta-se como o condutor do cotidiano, o senhor do tempo que emerge das pulsações da vida, das lágrimas que geram caminhos incertos no encontro com a humanidade presente às suas margens” (VICTORIA, 2012, p. 04).

Desta forma, Certeau (1996 p. 31), nos diz que,

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível [...].

O cotidiano não é apenas o lugar onde se reproduzem e se repetem práticas sociais, históricas e políticas, mas o lugar que potencializa inovações e enfrentamentos através da postura que se assume perante a sociedade e sua mudança contínua. É o lugar onde a reflexão possibilita emergir novas posturas, novas exigências, conduz a outros direcionamentos, dando

origem a produção de novos conhecimentos na contemporaneidade pautados nas necessidades individuais e de grupo. Segundo Victoria (2012, p. 02),

O cotidiano é feito de silêncio, de gritos, sons, cheiros, gestos, atitudes e tantos outros sinais que na maioria das vezes se encontram em baixo dos escombros da história como nos alertou Benjamim, sendo esmagados pela história dos vencedores, a história dos que detêm o poder e o “conhecimento” (*grifo do autor*).

Acreditamos que, a imersão nesse cotidiano, neste contexto peculiar de vivência nos oportuniza experimentar as emoções da vida e desvelar as tessituras desse espaço sócio cultural através da receptividade dos personagens que compõe este cenário.

Esse cotidiano é por vezes desconsiderado pelas esferas públicas que pensam as políticas públicas. O Bairro ribeirinho Jardim das Oliveiras, assim como vários outros espaços também apresentam situações conflituosas que dificultam o direito de ir e vir dos moradores, crianças e adultos, bem como o direito a cidadania. Os moradores tecem suas vidas sem o mínimo de saneamento básico, não havendo água encanada, nem redes de esgotos, tampouco coletas de lixo. Na época das chuvas, o bairro fica praticamente isolado, pois as ruas sem asfaltos e a terra fina dão lugar a lama e alagamentos, que quase sempre impossibilita o tráfego de motos e carros.

A criança por sua vez, parece não sentir que seus direitos estão sendo desconsiderados, tampouco, percebe a gravidade da situação e vive incansavelmente os melhores momentos da infância em meio ao lixo e ao descaso das autoridades para com o seu local de morada e de convívio com os amigos. Ela, através de sua intensa capacidade de criação, faz das ruas alagadas um parque de diversões que lhe possibilita experimentar brincadeiras sazonais. Não há impedimentos nem limites para a infância, o que há são apenas infindáveis possibilidades de criação.

Num olhar mais adultizado percebemos que, muitas práticas cotidianas parecem desconsiderar determinados grupos, comprometendo a consolidação e efetivação dos direitos das crianças referente à saúde e a qualidade de vida. Vejamos alguns princípios contraditórios evidenciados na Legislação, especialmente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). De acordo com a antropóloga Cláudia Fonseca é garantido à criança o direito de ser criada e educada no seio familiar, todavia, como uma família com baixa situação econômica poderá, sem auxílio governamental e políticas públicas, proporcionar e garantir a efetivação dos direitos da criança referente à educação de qualidade, à saúde, à alimentação, ao lazer e ao esporte? “Para resolver o aspecto legal desse debate é fundamental saber: é a família

negligente por não garantir o bem social dos seus filhos? Ou negligente é o Estado?” (FONSECA, 1999, p. 20).

Mesmo diante dessa problemática, a criança que buscamos apresentar neste trabalho carrega em si o dom de encantar-se com o mundo e a natureza, cultiva em si a felicidade, a magia, a liberdade de viver sem limites cada segundo da vida. Uma criança que sente e interage com a beleza e graciosidade do espaço cotidiano onde se vive. Ela se permite ser feliz em cada ação, em cada gesto, em cada movimento. Criança que conserva vínculos com a natureza. Que à sombra das árvores experimenta a cultura através do brincar. Que transforma a rua no campo de futebol, que explora cada canto do quintal, que se suja de terra, que fala consigo mesma, inventa personagens, canta, dança, toma banho de chuva. Criança que faz do rio a extensão da casa, que transforma a rotina do cotidiano em palco de aventuras e magia, compondo o primeiro mundo infantil, o mundo criado por ela mesma. A criança ribeirinha/pantaneira é autêntica e não deveríamos manchá-la com preconceitos originados e mantidos por parte da humanidade. No entanto também vemos aí, neste espaço uma criança de direitos, que sabe reivindicar e que clama por ações que humanizem e deem vida a este lugar.

O encanto das palavras que pretendem humildemente descrever a criança ribeirinha e seu contexto se evidencia na calma e no movimento contínuo das águas do Paraguai, nas histórias vividas sobre ele, na trajetória do pescador ribeirinho que com o coração sorridente e ansioso aguarda o fim da piracema para voltar a pescar e que corre alegremente ao seu encontro. Se evidencia ainda na chuva que cai sobre a terra fazendo germinar a semente plantada. No voo dos pássaros que compõe o cenário e seduz com seus movimentos ao percorrer livremente o céu infinito. No balançar das árvores que parecem dançar embaladas pelo vento e cujos raios solares perpassam folhas e flores compondo uma paisagem fascinante capaz de cativar os olhares mais desatentos. Paisagem esta composta por crianças que correm, por flores e jardins que perfumam, por animais que cruzando as ruas, brincam de se esconder. Por casas, cuja beleza ultrapassa a aparência e a arquitetura. Um ambiente que deve ser sentido muito mais que observado e percebido.

Sentimentos semelhantes aos que observamos nas belas palavras de Brandão (2002, p. 20), quando nos diz que,

Os textos, as palavras, as letras desse contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos, na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores, das rosas, dos jasmims, no corpo das árvores, na casca dos frutos.

Falar sobre a criança ribeirinha/pantaneira consiste em evidenciar sua singularidade infantil, enquanto protagonista da sua história. Crianças que inventam e reinventam a infância através da interação com o mundo, que buscam, questionam, fantasiam e constroem o universo. Por isso, a vida que se apresenta diante dos olhos configura-se num oceano de possibilidades, ou melhor, num pantanal desconhecido, onde ela mergulha incansavelmente em busca da novidade que a caracteriza. Cultiva em si, a pureza e a simplicidade que necessita para ser feliz, trazendo consigo a esperança de um futuro mais digno e igualitário para si e para o mundo.

Acreditamos por algum tempo que por termos vivenciado o período que corresponde a infância nos é automaticamente garantido compreender as infâncias que vem se configurando na atualidade e desta forma, conceituar, homogeneizar, definir, julgar e estabelecer o que é essencial e importante para as crianças em cada tempo. Contrariando esse pensamento, as crianças ribeirinhas apresentam-se como territórios desconhecidos e autênticos.

Essa infância ribeirinha/pantaneira problematiza e estremece a ideia ocidental e linear de infância apresentada por Ariès (1981) e Kant (1999) que por longo tempo silenciou a diversidade de vida que se origina em outros contextos, anunciando sobre a criança discursos naturalizados com objetivo de constituir e manter um ideal de infância. Mas essa criança desimportante, conforme retrata Manoel de Barros, através da potência de vida e criação, torna possível outras histórias e possibilidades de repensar e conceber a infância. Contradiz e desnaturaliza regimes de verdades e faz emergir novas vozes, aquelas que por longo tempo permaneceram silenciadas, mas que hoje são propagadas pelo vento, ecoando livremente por entre as árvores no Jardim das Oliveiras.

Nos mais variados contextos, as crianças se desenvolvem, dando continuidade à vida e fortalecendo tradições culturais através da apropriação da linguagem, dos símbolos, das ideias, atitudes, práticas e valores oriundos da sociedade, que a criança passa a internalizar. Esses conhecimentos são captados desde cedo pelas crianças de modo direto, por estarem os elementos e ações sempre carregados de simbolismos.

Embora haja muitas discussões sobre a infância na contemporaneidade, observa-se que o discurso e a prática cotidiana ainda estão impregnados pela visão adultocêntrica, não sensível para as inclinações e aspirações infantis, enfatizando uma prática voltada para a preparação da vida adulta, muitas vezes desconsiderando as etapas do desenvolvimento infantil e desta forma, muitas vezes, subjugando a criança a mera expectadora da sua própria existência.

Desta forma, problematizamos a ideia de infância propagada na sociedade, de modo que, ao nos reportarmos a infância ribeirinha pensamos-na como movimento descontínuo e enigmático, que desnaturaliza a maneira hegemônica de pensar a infância ao longo de um tempo histórico.

No intuito de compreender como ocorrem os processos educativos que envolve a criança ribeirinha em espaços não escolares, numa manhã de maio de 2015, acompanhamos a realização de uma ação social promovida há dez anos por dona Bel, como ela carinhosamente prefere ser chamada. Bel coordena a Pastoral da Criança no bairro, com a colaboração das líderes e os auxílios que advém de doações. Esse encontro acontece no terceiro sábado do mês e reúne cerca de duzentas pessoas aproximadamente, sendo 98 famílias cadastradas. Devido à parceria com alguns profissionais é possível oferecer para a comunidade cortes de cabelo, designer de sobancelhas, doações de roupas, calçados, pesagem das crianças e a celebração da vida<sup>1</sup>.

Neste dia ensolarado conheci Marissol<sup>2</sup>, uma pequena menina de cinco anos que me chamou atenção por estar sozinha sentada em uma mureta em meio a tanta movimentação de crianças nesse espaço. Os raios solares da manhã iluminavam ainda mais seus cabelos e olhos castanhos. Ela irradiava paz em sua simplicidade. Seu olhar era tão suave quanto à brisa da manhã. Não tive como não me aproximar de Marissol. Começamos a conversar e eu rapidamente lhe questionei sobre sua mãe. Ela timidamente me explicou,

*Minha mãe está em casa tia, eu vim sozinha.  
(MARISSOL, 05 anos, Diário de Campo, 23/05/2015).*

Naquele momento fiquei um tanto apreensiva e questionava a mim mesma, como uma garotinha de apenas cinco anos andava sozinha pelo mundo em meio a tantas pessoas desconhecidas. Mas para minha surpresa, ela parecia tranquila e segura de si e eu me surpreendia ainda mais com seu comportamento. Remeti-me aos meus cinco anos e percebi quão insegura e imatura era em relação àquela pequena criança que observava e logo compreendi que tal comparação refletia valores culturais de uma comunidade, evidenciava uma educação, uma infância, uma família e suas necessidades.

Uma família onde a criança desenvolve precocemente sua autonomia, devido a forte influência de fatores econômicos que obrigam pais e mães a deixarem seus lares em busca de

---

<sup>1</sup> O termo utilizado refere-se ao alimento servido a comunidade no dia em que o evento acontece. Na maioria dos meses é oferecido sopas muito nutritivas e em raras ocasiões arroz com frango desfiado e salada.

<sup>2</sup> Os nomes utilizados para designar as crianças que participaram da pesquisa através de entrevistas ou conversas informais registradas no Caderno de Campo configuram-se em nomes fictícios.

trabalho e sobrevivência. Crianças que sentem na pele a realidade por vezes injusta e que valorizam no dia-dia as belezas deste contexto. Crianças que brincam e caminham livremente pelas ruas da comunidade e que desde cedo aprendem a se localizar neste espaço. Crianças que se apropria da linguagem presente no ambiente social para desenvolver os mecanismos necessários capazes de garantir seu desenvolvimento social e histórico. Estes mecanismos ou instrumentos podem ser, segundo Vygotsky (1984), definidos como físicos ou abstratos, também denominados simbólicos. Os instrumentos físicos são caracterizados pelos objetos e os abstratos/simbólicos referem-se a aspectos culturais, com as quais a criança interage desde o nascimento, de modo que as funções psicológicas se desenvolvem a partir das relações estabelecidas entre o indivíduo e o meio externo.

O que nos compete aqui observar é que cada comunidade/sociedade desenvolve mecanismos próprios para se adaptar e transformar as condições impostas pelo meio social. Tais mecanismos por sua vez, são mediados pela cultura que passa a constituir cada criança de forma peculiar, conforme evidencia o relato de Marissol.

Somos, portanto, atores sociais que transformam o mundo e as ideias, repensam ações e fazemos história, inventamos e reinventamos a família, as relações sociais, as organizações políticas, as crenças religiosas. Pensamos a educação, sentimos a arte, comprovamos a ciência. Atribuimos sentidos e significados múltiplos as coisas e aos acontecimentos do mundo.

De forma semelhante, num certo dia, enquanto tentava capturar imagens cotidianas no bairro, fui surpreendida por Rodrigo, 08 anos e Gilberto, 06 anos. Com sorriso nos lábios e olhares cativantes se aproximaram e começamos a conversar:

*Rodrigo: Tia, o que você está fazendo aqui?*

*Elisângela: Estou fazendo uma pesquisa sobre/com as crianças.*

*Gilberto: Venha aqui então tia que vou te mostrar uma coisa.*

*(Diário de Campo, 25/05/2015).*

Caminhamos alguns metros e lá estávamos diante do rio a contemplar sua beleza. Alguns segundos se passaram e eles prosseguiram dizendo,

*Tia, sabe esse rio aqui? A gente toma banho nele e é bem legal. A gente pesca e brinca também. Tem criança que pula no rio dessa árvore aí. Você tem que tomar banho nele tia.*

*(RODRIGO, Diário de Campo, 25/05/2015).*

A cultura está impregnada na fala e no sentimento das crianças. Reflete a sensibilidade infantil, a relação de afetividade cultivada com o meio, a importância do rio para as crianças. Chamou-me atenção o posicionamento e a intimidade dos meninos ao falar da relevância e magnitude deste cenário. Um rio que simboliza a vida e seus encantos. Que se apresenta para as crianças como um leque de possibilidades e esperança. Um rio que recebe e banha o corpo e a alma de quem com ele se encontra, que faz florir as plantas reluzindo o verde das folhas. Folhas que caem das árvores como plumas ao vento e correm seguindo seu curso. Um rio que garante a sobrevivência de peixes, plantas, seres humanos. Um rio rua, por onde se caminha de canoa.

Esta é a rua mais movimentada. Uma rua onde se mergulha, se nada, se pesca, se brinca, se vive, se é feliz. É incrível poder experimentar e sentir a emoção que este cenário desperta nos moradores da comunidade, crianças e adultos.

Para mim, aquela imagem refletia uma árvore com galhos imensos inclinados sobre o rio. Para as crianças simbolizava experiências individuais e coletivas, peraltices e gargalhadas, momentos de uma feliz infância vivida, conservada no coração e na lembrança.

Brandão (2002, p. 23), nos ajuda a compreender esse sentimento que se manifesta na fala infantil, pois,

[...] para a ave que pousa num galho da árvore, a árvore é o galho do pouso, é a sombra, o abrigo, a referência no espaço e o fruto. Para nós ela é tudo isto e é bem mais. É um nome, uma lembrança, uma tecnologia de cultivo e de aproveitamento. É uma imagem carregada de afetos, o objeto da tela de um pintor, um poema, uma possível morada de um deus ou, quem sabe? Uma divindade que por um instante divide com um povo indígena uma fração de seu mundo.

Desta forma, o homem produz cultura ao agir sobre o mundo de forma consciente e reflexiva, ao significar e repensar suas ações, ao construir e transformar o mundo e conseqüentemente, ao conhecer-se e transformar a si mesmo. O meio, assim como a cultura, exerce influência sobre os indivíduos.

Podemos dizer que a vida e o cotidiano da criança pantaneira são demarcados em grande parte por atividades realizadas ao ar livre, tornando eminente o contato com o meio ambiente. A interação entre criança e meio acontece de várias formas e contribui para o amadurecimento de atitudes sustentáveis. Aprendem desde cedo importantes lições sobre o papel da natureza na vida dos seres humanos e do planeta e por tudo isso, atribuem grande valor a tudo que a terra lhes oferece, água para beber, para se banhar, peixes para se alimentar, para comercializar, terra para produzir e cultivar a plantação.

A infância toma forma por entre as árvores e o rio, entre pássaros e peixes, entre canoas e bicicletas. A poeira das ruas impregna-se nos pés descalços que caminham e correm sob o sol, sob o luar, sob as estrelas. E a vida segue seu curso na comunidade Pantaneira Mato-grossense.

As crianças brincam de balanços confeccionados pelos pais, sobem em árvores e balançam nos galhos, e sobre isso Carvalho (2010, p. 35) nos esclarece que através dessa brincadeira,

[...] se estabelece ao mesmo tempo, um processo simbiótico e mimético. Simbiótico, na medida em que elas se confundem com a árvore, e mimético ao imitarem os animais ou outros elementos presentes na mata. Ao subir em uma árvore, a criança deixa de ser ela, para passar a ser o macaco que com seu jeito engraçado, agilmente salta de galho em galho, a preguiça que explora a árvore em toda a sua extensão, a lagarta que espera o momento de tornar-se uma borboleta, para então alçar vôo. São esses seus brinquedos.

Quantos acontecimentos podem ser contemplados do alto de uma árvore, quantos olhares, quantas vozes, quantos sorrisos, quantos movimentos. A árvore na frente da casa é tão atrativa quanto um campo de futebol para os meninos. Pode até passar despercebida para a pesquisadora que chega, mas é a casa da infância pantaneira. É a árvore que lança seus galhos e acolhe a criança, que a aproxima do céu, que suaviza o vento e o sol, que dá sombra e frutos.

Através da brincadeira desenvolvem habilidades motoras e o equilíbrio necessários para a realização desta atividade. Parece haver harmonia entre o corpo infantil e os galhos da árvore, que através do movimento comunicam entre si. A queda se faz importante para que a aprendizagem ocorra, a criança começa a descobrir seus limites, suas capacidades, bem como suas limitações. A persistência contribui para que os desafios sejam superados e cada criança possa ter condições de permanecer em cima do galho em movimento sem ser jogado ao chão. A criança compreende que cada participante dispõe de um tempo diferente, que nem todos possuem as mesmas agilidades, e desta forma, só começam a balançar quando todos estão seguros sobre os galhos. Existe a preocupação e respeito com o outro, necessários para a formação da identidade infantil ribeirinha, observadas também nas relações cultivadas entre os adultos.

Lembro-me da infância vivida há vinte anos. Recordo-me o cenário, a árvore e seu galho, a terra fina, o vento. Sinto ainda o perfume, revivo a pureza infantil. Quantas alegrias no ir e vir do balanço, quantos pulos do balanço em movimento, quantas quedas, quantas risadas, quantas amizades.

O vento toca a pele delicadamente e faz carinho no rosto, nos cabelos, nas roupas que voam. De alguma forma sentem-se mais perto do céu e dos pássaros, sentem-se mais perto de Deus por viverem a liberdade. Afinal, “mais alto do que eu só Deus e os passarinhos. A dúvida era saber se Deus também avoava ou se ele está em toda parte como a mãe ensinava” (Barros, 2006, n.p.).

O intenso movimento e a sobrecarga de trabalho presentes no mundo do adulto nos fazem por vezes, esquecer que somos também natureza, que somos água, rio, somos ar. A criança ribeirinha/pantaneira que se apresenta na contemporaneidade vivencia uma infância singular, repleta de sentidos múltiplos, possibilitada pelo encontro com a natureza que se apresenta cotidianamente neste contexto. Ela se desprende, se reinventa, se permite ser sol, terra, água, ar.

No período vivido no *locus* da pesquisa, notamos que as orientações de pescaria são necessárias aos filhos dos pescadores que residem na comunidade. Por isso, são incentivados e reproduzem tais práticas através das brincadeiras que realizam. Na companhia dos pais, aprendem qual a melhor isca a ser utilizada. Compreendem que cada período do dia sugere um tipo de pescado. Percebem que para cada espécie peixe há uma isca específica, uma chumbada e um anzol apropriado. Aprendem através da observação como utilizar os instrumentos da pescaria, varas, linhadas e molinetes. Compreendem a necessidade dos períodos da piracema, para a reprodução dos peixes, soltando-os sempre que necessário.

Ao interrelacionarmos as observações que perpassam o cotidiano, bem como a brincadeira de pescar, com as reflexões vygotskianas compreendemos que, no momento em que ocorre a aproximação entre criança e adulto, estabelece-se uma zona de desenvolvimento proximal (ZDP), onde o adulto passa a influenciar a criança, seja através da linguagem e/ou orientações, como pela própria observação infantil das práticas cotidianas realizadas pelos adultos, visto que, ambas garantem a aprendizagem a partir do momento em que a criança consegue avançar da zona de desenvolvimento real para a zona de desenvolvimento potencial.

Esses saberes/aprendizagem adquiridos e produzidos ficam arraigados no corpo da criança ribeirinha/pantaneira garantindo a ela as habilidades necessárias ao exercício da pesca profissional ou amadora. Quando a criança não acompanha o pai na pescaria, aguarda ansiosa sua chegada ao anoitecer trazendo consigo memórias e histórias que encantam. É admirável a atividade realizada pelo pai, pelo adulto da família. E quando a criança não é filho de pescador, desenvolve também o respeito a esta profissão por estar inserido em uma comunidade onde há elevado índice de pescadores profissionais.

A vida simples cativa e encanta a todos que tem a sensibilidade de parar para observá-la. Observar atentamente a canoa que se afasta sob as águas tranquilas do pantanal. Observar ao entardecer do dia lentamente sua chegada repleta de sorrisos, histórias, imagens e lembranças. Observar o pescador, a família e seus momentos. Observar o pai que desce da canoa e a encosta na areia, a mãe que recolhe os objetos para guardá-los, o pai que retorna a canoa para retirar as tralhas de pesca, a família que retira da canoa os peixes capturados, a criança que se suja de peixe, de areia, que se queima do sol e irradia luz.

Desta forma, cada país desenvolve sua própria cultura e esta por sua vez, é influenciada por diversos fatores, econômico, social e político e que orienta suas ações. Como já dito anteriormente, a cultura assume formas diversas de acordo com o contexto social, o que causa estranhamento e indignação em alguns casos, pois as formas de perceber e atuar no mundo se apresenta de forma desconhecida. Na maioria das vezes, esperamos que as pessoas ajam conforme as expectativas que criamos, ou conforme nossos padrões sociais e culturais, e quando isso não ocorre, surge o estranhamento e a intolerância.

Apresentamos uma criança que trabalha ao cumprir suas obrigações em casa e auxiliar nas pescarias e não se vê explorada pelo sentido que tais tarefas exercem na sua formação. Por isso, partimos da compreensão de que a infância não é apenas a fase inicial da vida e do desenvolvimento humano, mas também sentimentos, rupturas, acontecimentos, experiências, ritmo, poesia, resistências. Uma infância que vê o invisível, que realiza e explica o inexplicável, que segundo Barros, apalpa o som das violetas, escuta a cor dos peixes e o perfume dos rios, que enxerga o aroma do Sol e desenha o cheiro das árvores.

Esta pesquisa serviu para abalar nossas estruturas sobre as falsas certezas que embalavam a concepções de infância. Por longo tempo acreditamos que era necessário apenas preservar a criança do mundo adulto, protegê-la das adversidades, cuidar e estabelecer caminhos e limites para sua aprendizagem, que era preciso monitorá-la, pois, era desprovida de capacidades, maturidade e conhecimentos. Pensávamos que era necessário facilitar a vida, minimizando os impactos e os sofrimentos originados pelas situações diversas que se apresentam ao longo do caminho que ela percorre.

Percebemos a ingenuidade de nossos pensamentos, na nossa maneira de ver e conceber a infância a partir do momento em que nos reportamos a infância ribeirinha/pantaneira, que desde pequenina pula dos galhos das árvores nas águas correntes do Paraguai sem a preocupação de afogar-se, que toma banho na chuva sem ficar resfriada, que suja-se de lama e desenvolve imunidades, que nada, que pesca, que ajuda a limpar o peixe sem medo de se cortar, que sobe nas árvores e não cai, que percorre solitária e acompanhada

as ruas da comunidade e que retorna a noite para seu local de morada na certeza de continuar a aventura no dia seguinte. Ou seja, essas crianças precisam ser vistas como sujeitos históricos e sociais, que fazem suas vidas nesse ambiente e produzem cultura.

Se hoje podemos contar, reproduzir e parafrasear a infância ribeirinha/pantaneira é unicamente porque antes pudemos senti-la no corpo e na alma.

## **PROCESSES THAT CONSTITUTE A RIVERSIDE CHILD IDENTITY IN CÁCERES, MATO GROSSO, BRAZIL**

### **ABSTRACT**

We intend to foment a discussion about the Pantanal riverside childhood experienced in the Jardim das Oliveiras neighborhood in Cáceres, Mato Grosso. We seek to identify the aspects that potentiate the constitution and formation of the infant riverside identity through the popular social and cultural practices to demystify the hegemonic conception of childhood, allowing the valorization of the local culture. We started from participant observation to understand the organization of life in this space, as well as the use of open interviews that enabled us to describe the meanings attributed by the subjects that move the daily life. This technique has enabled us to develop the Pantanal riverside child and constitute its identity through the interaction it has with its environment, which allows it to think about the organization of life, rethink cultural patterns and rewrite history.

**Keywords:** riverside/Pantanal childhood; education; social practices.

### **REFERÊNCIAS**

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARROS, M. **Memórias Inventadas para as crianças: a segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

BARROS, M. **Escritos em verbal de aves**. São Paulo: Editora LeYa, 2011.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Cercado das Letras, 2002.

CARVALHO, Nazaré Cristina. **Saberes do cotidiano da criança ribeirinha**. Belém: Revista Cocar. v. 4, n. 8, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**1. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

FONSECA, C.; CARDARELLO, A. Direitos dos mais ou menos humanos. **Revista Horizontes Antropológicos**, n. 10, p. 83-122, 1999.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

REGO, T. C. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 24. ed. Vozes: Petrópolis, 2013.

VICTORIA, C. G. **Mergulhando nos rios do cotidiano:** escola e cultura na vida dos jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas. Disponível em:  
<<http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Cortez, 1984.

Recebido em 01 de outubro de 2016. Aprovado em 05 de dezembro de 2016.